

## A educação atual: entre o direito e o negócio

[José Moran](#)

*Pesquisador, Professor, Conferencista e Orientador de projetos inovadores na educação.  
Texto complem. ao capítulo 3, do meu livro “A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá”.*

Há muitas contradições e tensões na educação. As principais se devem a que em alguns momentos focamos a educação mais como direito – educação para todos – enquanto que, em outros, o foco é a educação como negócio – como bem econômico, serviço, que se compra e vende, se organiza como empresa e onde se busca a maior rentabilidade, lucro e retorno do investimento.

Quando damos ênfase à dimensão integral do ser humano, à integração entre ideias, sentimentos e valores estamos focando a educação como necessidade e direito de todos, de formar cidadãos críticos (educação como direito). Quando a ênfase recai sobre o investimento, planilhas, serviço, custo, retorno financeiro, predomina a educação como negócio em que a dimensão de direito, humanística e integral costuma permanecer num segundo plano (educação como negócio).

Avança a consciência da importância da educação para todos (como direito), e, simultaneamente, avançam as oportunidades de ampliação das empresas educacionais em grandes grupos econômicos, que buscam novas formas de gestão, de capitalização, de mercado e de retorno financeiro (negócio).

A educação pública costuma ser identificada como direito, como dever social, como construção de identidade pessoal e grupal (embora também haja muita acomodação, corporativismo e desperdício de recursos). Já a educação privada está mais associada ao bem econômico, ao negócio, investimento financeiro (embora haja grandes instituições que procuram destacar a dimensão social sobre a mercantil). Nem toda a educação pública desenvolve as dimensões sociais assim como nem toda a privada só se preocupa com o “business”. As instituições privadas confessionais carregam a contradição de defender valores cristãos e, ao mesmo tempo, serem competitivas gerencialmente para não perder mercado diante de outras mais voltadas para resultados. Neste momento parece que o pêndulo se inclina mais para a gestão eficiente do que para os valores humanos.

Os professores costumam desenvolver uma concepção de educação mais como profissão de forte cunho social, que contribui para a aprendizagem integral dos alunos. Estão preocupados fundamentalmente com a dimensão social (direito). Já os administradores e gestores, embora valorizem as dimensões pedagógicas, tendem a preocupar-se fundamentalmente com o econômico, e seu olhar está tão orientado por processos de gestão empresarial, que, com frequência, terminam se sobrepondo às necessidades pedagógicas.

Do ponto de vista das ferramentas que utilizam, os professores costumam trabalhar com textos e apresentações, enquanto os administradores com as planilhas (“Word” x “Excel”). A crescente entrada de administradores profissionais na educação está contribuindo para racionalizar custos, para otimizar recursos, mas, sentimos que há tensões que apontam para um predomínio do econômico sobre o pedagógico, principalmente no nível superior. Ganha-se em resultados econômicos, mas a custa da perda de direitos e conquistas sociais conseguidas nas últimas décadas.

Estamos numa fase de profundas transformações, que nos estão levando a reorganizar todos os processos de ensino e aprendizagem, incluindo atividades a distância, flexibilidade curricular, possibilidade de cursos on-line em qualquer lugar e a qualquer hora. Se predominar a concepção administrativa sobre a pedagógica, poderemos criar com tecnologias novas processos velhos ampliados. Há uma certa apropriação das tecnologias avançadas hoje para a multiplicação de processos conservadores, focados no conteúdo transmitido ou disponibilizado, pela substituição do professor pelo “tutor” (mais barato) e pelo enxugamento de custos e maximização de lucros.

Precisamos estar atentos a reequilibrar a educação como direito e como negócio, a buscar inovações na gestão, mas com foco na aprendizagem significativa, humanística, afetiva e com valores sólidos. Temos que inovar, avançar, criar uma educação mais próxima do aluno de hoje e das possibilidades de uma sociedade conectada, mantendo os valores humanos, afetivos e éticos cada vez mais vivos e predominantes. Podem conviver a educação como direito e como negócio, de forma equilibrada. Mas é bom estarmos atentos como sociedade a que a racionalidade administrativa não se sobreponha à pedagógica.

É importante que os gestores desenvolvam mais o conhecimento e prática pedagógicos, para que entendam a educação de forma profunda, por dentro. Ao mesmo tempo, também é fundamental mostrar aos educadores o lado gerencial institucional e que afeta a organização do ensino e aprendizagem. Do equilíbrio e integração verdadeira entre educadores e gestores dependerá o sucesso das mudanças necessárias na educação.